

## **CORRENDO NO MUSEU**

Já faz bastante tempo que costumo “correr no museu”. No início era apenas caminhada e nem mesmo tinha a pretensão de correr. Porém, a corrida é a evolução natural da caminhada...

A expressão “vamos ao museu” é comum aos moradores circunvizinhos e dos bairros próximos ao Parque da Independência, no Ipiranga, onde se situa o Museu Paulista da USP, carinhosamente conhecido por todos como Museu do Ipiranga.

São várias as opções para se caminhar ou correr no museu. Podemos fazê-lo no jardim, dando a volta no edifício, sendo todo o percurso de asfalto e/ou calçamento. Outra opção muito utilizada é caminhar ou correr no bosque, situado nos fundos do edifício, passando pela sua frente, com marcação do percurso de um quilômetro. Existe ainda uma terceira alternativa que é correr na parte externa do parque, pela calçada. Há adeptos de todas as opções, sejam caminhantes ou corredores. Há também diversos professores de educação física/treinadores com seus alunos, praticando as mais diversas atividades físicas.

Entretanto, o museu não é só para corredores e caminhantes. Diariamente, principalmente nos fins de semana, muitos visitantes passeiam pelos seus jardins, alamedas, rampas... acontecem no parque muitos eventos, como campeonatos de skate, apresentações musicais, de grupos de capoeira, corridas de crianças. É ponto de encontro de cachorros e dos seus donos. É comum vermos fotógrafos retratando modelos e, principalmente grávidas e noivas. Também vemos “no museu” muitos turistas estrangeiros, principalmente chineses. Atualmente o acesso ao acervo do museu não é possível porque

o edifício encontra-se interditado para reformas, mas é uma atração muito apreciada pelos visitantes.

Correr no museu tem suas peculiaridades, que são únicas, dadas as características do local. Quando se corre no percurso do bosque, passando pela frente do edifício, tem-se um misto de pisos, onde uma parte é de calçada/asfalto e, na parte do bosque, é de chão batido, com brita. Acrescenta-se a isso as variáveis do terreno, com pequenos aclives e declives — nada sério para quem está acostumado a correr na rua — e os incômodos, que às vezes acontecem, de uma brita entrar no seu tênis.

Quanto ao tráfego — número de visitantes no transcorrer do percurso — é sempre proporcional à temperatura, ou seja, em dias de verão, com elevadas temperaturas, é grande número de corredores/caminhantes/visitantes. Ao contrário, em dias de outono/inverno/primavera, com baixas temperaturas, o “trecho é dos fortes”, quando só se apresentam os “fanáticos”.

No verão, são comuns as fortes pancadas de chuva. Eu mesmo, por mais de uma vez, recolhi-me ao abrigo da marquise do edifício. Porém, com o tempo, aprende-se que, nessas circunstâncias, bom mesmo é correr na chuva! Com o grande número de visitantes, para os corredores que estão em busca dos melhores tempos nos treinos, fica mais difícil. Claro que o frequentador que está passeando, curtindo cada parte do percurso, não tem a menor preocupação se está ou não impedindo a passagem de alguém. Ocorre que, numa dessas circunstâncias, eu estava correndo rápido e, ao cruzar com um grupo de mulheres, decidi-me por um dos lados e segui. Não contava que uma delas seguiria o mesmo caminho. O choque foi inevitável. Ao chocar-me com ela, agarrei-a, num abraço, para evitar que ela fosse ao chão. Levou um abraço indesejado. Nem ao

menos parei. Segui minha corrida entre decepcionado por ter interrompido meu ritmo e me divertindo com as gargalhadas das amigas da moça.

Já no inverno esse problema não existe pois é pequeno o número de frequentadores. Dessa forma, todas as pistas, jardins e alamedas ficam livres para quem quiser delas usufruir. Nesse período faz-se necessário andar rápido ou correr forte para espantar o frio. Faz-se a caminhada ou treino planejado e se vai, às vezes até mesmo sem tomar a saborosa água de coco, porque o clima não ajuda. Aliás a água de coco e os carrinhos de cachorro quente são presenças constantes, em todas as estações do ano. Não poderia também esquecer-me dos gatos. E são muitos e muito bem tratados, pois há pelo menos duas pessoas — um casal — que estão sempre presentes, servindo-lhes ração e água. E não lhes negam carinhos.

Correr no museu produz sempre muitas histórias, das quais destaco duas:

1. Certo dia, ao me alongar nas barras paralelas que tem no bosque, com a perna esticada para trás e as mãos apoiadas na barra, um dos corredores com os quais troco algumas palavras, passou correndo e disparou: “ não adianta empurrar, você não vai conseguir derrubar! ”
2. Em outro treino, quando controlava meus tempos visando melhorá-los, em pleno verão, muito calor e muita gente no parque. Ao alcançar um grupo de pessoas, fiquei sem opção de ultrapassagem. Não tive dúvidas, resolvi pular o degrau de tijolos que tem nas laterais da pista, para “passar pelo mato”. Para meu azar, tropecei no degrau e caí com os joelhos e as mãos no chão. Minha sorte é que estava forrado de folhas. Foi “um piscar de olhos”, levantei-me, mais que depressa, voltei para a pista e continuei correndo. Nem olhei para trás. Devem estar rindo até hoje...

Essa é minha história no Museu do Ipiranga.